Revista Perspectivas Online: Humanas & Sociais Aplicadas
Junho/2025, v.15 , n.44, p.1-13
ISSN: 2236-8868 (Online)
DOI: 10.25242/8876154420252565

ENTRE MÃOS E MUTIRÕES: O CASO DA HORTA COMUNITÁRIA ZEFERINA BEIRU EM SALVADOR - BA

Joeli Silva de Souza[1]* & Lucas Barbosa Lima[2]

RESUMO

SOUZA, J. S.; LIMA, L. B. Entre mãos e mutirões: o caso da Horta Comunitária Zeferina Beiru em Salvador - BA. **Perspectivas Online: Humanas & Sociais Aplicadas**, v.15 , n.44 , p. 1 - 13, 2025.

Os Mutirões coletivos estão presentes desde as antigas civilizações. O termo tem origem no tupi guarani "popitibõ", que significa "ajudar". Geralmente, são caracterizados por momentos de reunião de pessoas em prol de um objetivo coletivo, sendo realizado de forma voluntária e agregando interesses comuns. Objetivou-se investigar os mutirões como estratégia de intervenção na Horta Comunitária Zeferina Beiru, em Salvador – BA. Desenvolveu-se um estudo de caso, do tipo pesquisa, coletivo e com abordagem qualitativa. Foi realizada a observação direta, levantamento de informações teóricas e acervo de registros fotográficos, compreendendo os períodos entre 2016 e 2022. Considerou-se: a configuração do espaço destinado aos plantios e criação de animais de pequeno porte (se cabível), tipos de plantios e animais (se presentes), organização coletiva para reativação da horta. De acordo com os levantamentos, a mobilização para a organização da horta Zeferina Beiru começou em 2015, com a liderança do Coletivo Zeferina Beiru. Os mutirões ocorreram tanto para o início e manutenção das atividades na horta entre 2015-2019, quanto para a reativação em 2022. Desde a sua fundação, há participação de crianças e jovens da comunidade e adjacências por meio dos mutirões que agregam pessoas de diferentes localidades de Salvador e Região metropolitana. Os mutirões também aconteciam graças à colaboração e união dos moradores vizinhos de torno do espaço, em um objetivo comum: “Meter mão na terra!”. Os mutirões se apresentaram como uma das estratégias possíveis e positivas para a criação, manutenção e também processo de reativação da Horta Urbana Comunitária Zeferina Beiru.

Palavras-chave: Organização social. Comunidade. Desenvolvimento de território. Plantios urbanos.

[1] Nutricionista Ma.; Universidade Federal da Bahia - Programa de Pós - Graduação em Alimentos, Nutrição e Saúde – PPGANS. Rua. Basílio da Gama, 140-314 - Canela, Salvador – Bahia - Brasil, 40301-110
[2] Cientista Social Me.; Universidade Federal da Bahia; Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos. Praça. Inocêncio Galvão, 42 - Lgo. 2 de Julho, Centro, Salvador - Bahia – Brasil, 40.060-055

(*) e-mail: joelisouza@yahoo.com.br

Data de recebimento: 03/11/2022 Aceito para publicação: 14/06/2023 Data de publicação: 29/07/2025

Online Perspectives: Human & Social Applied
June/2025, v.15, n.44 , p. 1-13
ISSN: 2236-8868 (Online)
DOI: 10.25242/8876154420252565

BETWEEN HANDS AND WORKING WORK: THE CASE OF THE ZEFERINA BEIRU COMMUNITY GARDEN IN SALVADOR-BA

Joeli Silva de Souza[1]* & Lucas Barbosa Lima[2]

ABSTRACT

SOUZA, J. S.; LIMA, L. B. Between hands and working work: the case of the Zeferina Beiru Community Garden in Salvador-BA. **Online Perspectives: Human & Social Applied**, v.15 , n.44 , p. 1-13, 2025.

Collective efforts have been present since ancient civilizations. The term originates from the Tupi Guarani "popitibõ", which means "to help". Generally, they are characterized by moments of meeting people in favor of a collective objective, being carried out voluntarily and adding common interests. The objective was to investigate the task forces as an intervention strategy in the Zeferina Beiru Community Garden, in Salvador - BA. A case study was developed, of the research type, collective and with a qualitative approach. Direct observation, collection of theoretical information and collection of photographic records were carried out, covering the periods between 2016 and 2022. The following were considered: the configuration of the space intended for planting and raising small animals (if applicable), types of plantations and animals (if present), collective organization to reactivate the garden. According to the surveys, the mobilization for the organization of the Zeferina Beiru vegetable garden began in 2015, with the leadership of Coletivo Zeferina Beiru. The collective efforts took place both for the beginning and maintenance of activities in the garden between 2015-2019, and for the reactivation in 2022. Since its foundation, children and young people from the community and surroundings have participated through collective efforts that bring together people from different locations of Salvador and metropolitan region. The task forces also took place thanks to the collaboration and union of neighboring residents around the space, in a common objective: “Get your hands on the land!”. The task forces were presented as one of the possible and positive strategies for the creation, maintenance and also the process of reactivation of the Urban Community Garden Zeferina Beiru.

Keywords: Social organization. Community. Territory development. Urban plantations.

[1]Nutritionist Ma.; Federal University of Bahia - Postgraduate Program in Food, Nutrition and Health – PPGANS. Road. Basilio da Gama, 140-314 - Canela, Salvador – Bahia - Brazil, 40301-110
[2]Social Scientist Me.; Federal university of Bahia; Multidisciplinary Graduate Program in Ethnic and African Studies. Square. Inocêncio Galvão, 42 - Lgo. 2nd of July, Center, Salvador - Bahia - Brazil, 40.060-055

(*) email: joelisouza@yahoo.com.br

Received: 03/11/2022 Accepted: 14/06/2023 Published online: 29/07/2025

1. INTRODUÇÃO

Os plantios e criação de animais de pequeno porte nas cidades são tão antigos quanto às civilizações, estando presentes nas civilizações da Mesopotâmia e Inca (ELLIS; SUMBERG, 1998). Ao longo dos séculos, essas práticas se expandiram mundialmente, sendo denominada de Agricultura Urbana - AU (Campilan et al, 2002; Degenhart, 2016). Nas cidades, os espaços produtivos carregam muito da história cultural alimentar da população, com a presença de plantios regionais, ervas e Plantas Alimentícias Não – Convencionais - PANCs. No entanto, as PANCs se diferenciam de acordo com os costumes e hábitos culturais e alimentares de povos e territórios, podendo ser ou não convencional em uma determinada região, a exemplo da maniçoba da região Amazônica, do pequi do Centro-Oeste, do pinhão do Sul. (KINUPP; LORENZI, 2021).

A cidade de Salvador – BA, com quase 3 milhões de pessoas, apresenta potencial para o desenvolvimento de AU, por dispor de áreas ociosas em inúmeros bairros. No entanto, ainda carece de instituir Política de AU para que as ações sejam construídas com a participação popular no intuito de realizar plantios urbanos para autoconsumo e comercialização, por meio de práticas ambientais de sustentabilidade (SILVA, 2018; IBGE, 2019; SOUZA et al., 2019).

Nesse contexto de plantios urbanos em Salvador, historiando o surgimento da Horta Comunitária, antes mesmo de sua organização, já haviam algumas frutíferas como banana e manga, em uma área com cerca de 60m². Mas, somente a partir de 2015, é instituída a Horta Comunitária Zeferina Beiru, localizada nas dependências da Biblioteca Comunitária Zeferina Beiru, no bairro do Arenoso, periferia da cidade.
No entanto, após anos de plantio de frutas, hortaliças, ervas medicinais e PANCs, a horta teve suas atividades interrompidas, em 2019. Tal fato ocorreu devido a diminuição de voluntários e, que foi agravada pelo início da pandemia de covid-19, em 2020. A Biblioteca Zeferina Beiru desenvolve também, atividades como reforço escolar, grupos de leitura, aulas de capoeira, aulas de violão, tendo como público-alvo as crianças e adolescentes da comunidade.

A AU proporciona a utilização de espaços urbanos para plantios como: frutas, hortaliças, ervas medicinais, plantas ornamentais e criação de animais de pequeno porte. Esses plantios direcionados, em sua grande maioria, ao autoconsumo, comercialização, trocas e/ou doações. Podem ser desenvolvidos em espaços de forma coletiva ou individual como: os terrenos, jardins, quintais, terraços, lajes, varandas, etc (EMBRAPA, 2017).

Tão antigo como a AU, os Mutirões também estão presentes desde as antigas civilizações. O termo tem origem no tupi guarani "popitibõ", que significa "ajudar" (CHIARADIA, 2008). Geralmente, são caracterizados por momentos de reunião de pessoas em prol de um objetivo coletivo, sendo realizado de forma voluntária e agregando interesses comuns. Os trabalhos coletivos fazem parte de um processo cultural de organização de pessoas, a exemplo de comunidades tradicionais, moradores de bairros, se configurando como uma ligação social que fortalece os laços comunitários (CANUTO, 2017; RODY; TELLES, 2021).

De tal modo, para nortear este estudo de caso, foi abordada a pergunta de investigação: “Como os mutirões se transformam em estratégias de intervenção na Horta Comunitária Zeferina Beiru?” Abordou-se um problema de desenvolvimento territorial, posto que a descontinuidade da horta comunitária reduziu o acesso e o consumo de alimentos como frutas e hortaliças, por parte das crianças e adolescentes atendidos pela Biblioteca Comunitária, com a inutilização de área verde. Além de impossibilitar o contato destas crianças e adolescentes

com o meio ambiente, com práticas agroecológicas, desenvolvimento de trabalho coletivo dentre outros benefícios da horta.

Nesse escopo, um dos impactos desse estudo de caso foi ter possibilitado o levantamento de reflexões sobre os mutirões como uma das estratégias para a manutenção da Horta, com retorno dos plantios de frutas e hortaliças, com a participação das crianças, adolescentes e moradores do bairro. Assim, teve-se como objetivo investigar a dinâmica dos mutirões como estratégia de intervenção na Horta Comunitária Zeferina Beiru, em Salvador – BA.

2. METODOLOGIA

Desenvolveu-se um estudo de caso, do tipo pesquisa, coletivo e com abordagem qualitativa, tendo como unidade – caso, a Horta da Biblioteca Comunitária Zeferina Beiru, localizada no bairro do Arenoso, Coordenadas 12°56'51"S 38°26'26"W, em Salvador – BA, em uma área de 60m² (Figura 1). Para o desenvolvimento do estudo de caso, foi realizada a observação direta, levantamento de informações teóricas e acervo de registros fotográficos, compreendendo os períodos entre 2016 e 2022.

Figura 1. Mapa dos bairros de Salvador –BA. (Fonte: WIKIE, 2021).

Figura 1.1. Localidade da Horta Zeferina Beiru, Bairro do Arenoso. Salvador, Bahia. (Fonte: GOOGLE MAPS, 2022).

Esse estudo de caso levantou informações acerca das atividades de mutirão na horta, desenvolvido em anos distintos, no período de funcionamento e no período de reorganização para reativação. Assim, considerou-se: a configuração do espaço destinado aos plantios e criação de animais de pequeno porte (se cabível), tipos de plantios e animais (se presentes), organização coletiva para reativação da horta.

Concomitante, ocorreu o levantamento de informações teóricas sobre a Biblioteca e a Horta Comunitária Zeferina Beiru, a exemplo: da mobilização comunitária, das ações desenvolvidas e dos participantes sociais envolvidos.

As informações levantadas por meio de visitas de campo e observação direta, foram registradas em diário de pesquisa e, realizada análise e interpretação qualitativa, com preservação da unidade social (unidade - caso). Procedeu-se a uma análise cronológica dessas informações por meio de narrativa simples. Os registros fotográficos adicionados deram suporte visual às informações coletadas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com os levantamentos, a mobilização para a organização da horta Zeferina Beiru começou em 2015, com a liderança do Coletivo Zeferina Beiru, formado por moradores (estudantes universitários e membros da comunidade). Com o início das atividades, foram realizados os manejos de cultivos de feijão, batata doce, banana, goiaba, limão, manga, pimenta, tapete de oxalá, alecrim, língua de vaca, akoko, etc. Os alimentos cultivados faziam parte da alimentação de crianças e adolescentes que frequentavam as atividades da Biblioteca. Os mutirões ocorreram tanto para o início e manutenção das atividades na horta entre 2015 - 2019, quanto para a reativação em 2022, após a interrupção devido a pandemia de COVID-19, apresentados na Figura 2.

Esses momentos de mutirões eram direcionados para limpeza, organização das leiras, realização de plantios e de colheitas. A quantidade de membros participantes oscilava de acordo com o dia e atividade, sendo parte da comunidade, crianças e adolescentes integrantes da Biblioteca Zeferina, moradores do bairro e demais voluntários.

Figura 2. Cronologia das ações realizadas em prol da horta Zeferina Beiru entre 2015-2022, Salvador, Bahia.

De tal modo, elaborou-se uma análise cronológica (Figura 2) desses mutirões e, percebeu-se que os anos de 2016 a 2018 concentraram as atividades em prol da horta, com interrupção das atividades em 2019. Um estudo de Souza *et al*. (2019) com hortas comunitárias em Salvador –BA, apontou que as principais dificuldades relatadas pelos participantes para a continuação das atividades foram falta de apoio técnico e voluntários.

Os mutirões estão presentes em diversas atividades comunitárias pelo Brasil, incluindo a organização e manutenção das hortas. No estado de São Paulo, existem registros desses Mutirões, ocorrendo em diversas hortas da cidade, como na Vila Madalena e na Vila Maria, em hortas de Unidades Básicas de Saúde, em Ocupações Residenciais, dentre outros. (FONTES et al., 2019; RIBEIRO et al., 2015; MACHINI, 2018). No Rio de Janeiro, às hortas no Complexo do Alemão reuniram voluntários em mutirões de limpeza e plantios de mudas (ARRUDA, 2011). No Pará, hortas escolares foram revitalizadas por meio de mutirões (IFPA, 2021).

Desse modo, percebeu-se que a organização das pessoas em mutirão se configura como uma estratégia de gestão social para atingirem um único objetivo. Moura (2020) ao relatar os inúmeros mutirões que ocorriam no município de Santo Antônio do Descoberto - GO, reforça como essas ações movimentaram a comunidade em prol do trabalho conjunto. Essa organização social também traz reflexões acerca do direito ao uso da cidade e ocupação do solo urbano, abordados em trabalhos de Reis (2021) e Rangel *et al*. (2022).

Desde a sua fundação, há participação de crianças e jovens da comunidade e adjacências por meio dos mutirões que agregam pessoas de diferentes localidades de Salvador e Região metropolitana. O convite para a participação e integração nos mutirões, acontecia por meio de cartazes, mensagens em aplicativos virtuais, bem como o convite “boca-a -boca”, muito comum nas atividades coletivas em comunidades.

Os mutirões também aconteciam por meio da presença e união dos moradores vizinhos, do entorno da Biblioteca, que também colaboravam com alimentos prontos e água durante as atividades de limpeza. À medida que foi limpando o espaço e conseguindo doações de fogão e geladeira, o coletivo passou a realizar arrecadação de dinheiro com as pessoas presentes para comprar ingredientes e preparar o alimento para ser servido de forma comunitária.

Os mutirões costumam reunir diferentes pessoas em um objetivo comum: “Meter mão na terra!” Esta frase costuma ser dita em conversas durante a realização das atividades. Esta terra que irá receber o tocar desta mão tem cor. Em outras palavras, esta terra remete à perspectiva identitária de reapropriação sob a terra, produzindo um discurso político enfatizando a importância de as pessoas negras estarem ocupando um lugar com história – um território. Os mutirões costumam ter uma ampla divulgação, por meio da “boca a boca” no

bairro e em postagens no *Facebook* (LIMA, 2021). Para um dos colaboradores da Biblioteca, Davi Nunes:

> "Os mutirões inicialmente é a atividade mais importante de construção do espaço, então funcionava que a gente chamava amigos, conhecidos, pessoas que a gente encontrava que estava em uma perspectiva de organização comunitária, e outras pessoas iam pela questão do aquilombamento mesmo, das pessoas irem e construírem algo prático. Então acho que o mutirão era isso uma atividade comunitária, de aquilombamento de juntar pessoas de forma mais solidária. Então eu acho que tinha essa importância os mutirões, e possibilitou, acho que o grande chamamento da Biblioteca foram os mutirões que colhemos os bons frutos."

Nessa fala, o mutirão está ligado com um processo de aquilombamento, ou seja, para Davi o fato das pessoas se reunirem para uma atividade solidária é um movimento de quilombismo.

Abdias Nascimento (1980) compreende como quilombismo, um movimento político-social que acontece quando as pessoas se reúnem em torno de um tempo e espaço específicos para criar novas possibilidades de existências e/ou resgatar práticas ancestrais, por meio de uma inspiração nas experiências históricas dos quilombos brasileiros e culturas de matrizes. Neste sentido, tal trabalho entende os mutirões realizados pela Biblioteca Zeferina enquanto uma atividade que a caracteriza enquanto um movimento de quilombismo (NASCIMENTO, 1980).

Após os mutirões de início e manutenção, a horta prosperou com plantios (Figura 3), sendo utilizados na alimentação das crianças e adolescentes que frequentavam a Biblioteca Comunitária Zeferina. Àquela época à horta possuía uma configuração ampla, localizada na área lateral da Biblioteca Zeferina. As leiras de plantios menores eram delimitadas com pedras do próprio espaço e, foram identificados e registrados plantios de frutas como: mamão, maracujá, coco, manga, laranja, acerola, banana, aipim, goiaba; plantios de ervas medicinais como boldo e mastruz; bem como criação de animais de pequeno porte como galinhas.

Figura 3.1- Plantio de mamão.

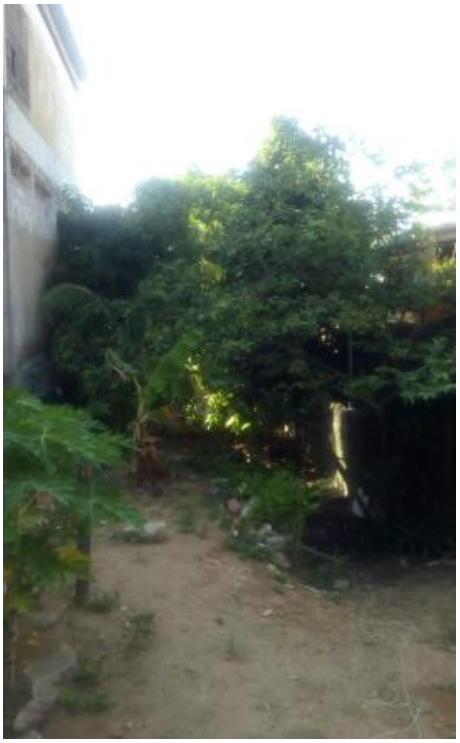

Figura 3.2- Plantio de acerola.

Figura 3.3- Plantios de bananeiras.

Figura 3.4- Plantio de boldo.

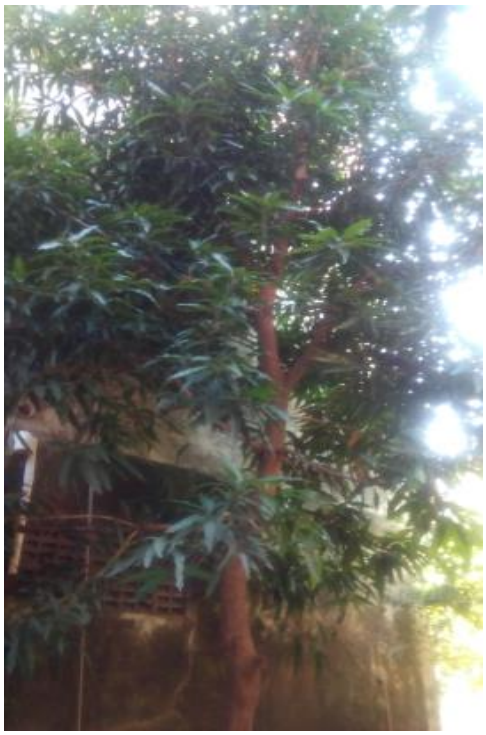

Figura 3.5- Plantio de mangueira.

Figura 3. Alguns plantios foram realizados na horta Zeferina Beiru entre 2015-2019. Plantio de mamão Figura (Figura 3.1). Plantio de acerola (Figura 3.2). Plantios de bananeiras (Figura 3.3). Plantio de boldo (Figura 3.4). Plantio de mangueira (Figura 3.5).

Durante o período de atividades, incluindo os próprios mutirões, e os manejos de cultivo e manutenção da Horta, as práticas agroecológicas estiveram presentes. De tal modo, a organização das ações em mutirões se propõe ao resgate dos elos comunitários, bem como da convivência em espaços físicos e da cultura local.

A horta foi desativada em 2019, seguindo assim no período da pandemia de COVID-19, entre 2020 e 2022. Em 2022 iniciou-se às atividades de reabertura da área da Biblioteca Comunitária e, mais uma vez incluindo o Mutirão na Horta Zeferina (Figura 4).

Figura 4. Card de divulgação para retomada das atividades na Biblioteca e na Horta Comunitária Zeferina Beiru. (Fonte: *Instagram* da Biblioteca Zeferina Beiru, 2022).

Na ocasião desse novo Mutirão, com o objetivo de reativar a Horta Comunitária em 2022, o Coletivo Zeferina Beiru, o qual segue na liderança participativa da Biblioteca, realizou a divulgação e convite à comunidade. Nesse intervalo de tempo, a área da horta encontrava-se sem atividades de manutenção e/ou cultivos.

Ao analisar os dados teóricos, percebeu-se que a organização social por meio dos mutirões colaborou para que voluntários se dispusessem a somar às atividades da horta. Ao passo que laços comunitários iam sendo estabelecidos e fortalecidos em prol do objetivo comum: manter a Horta Zeferina ativa. Tal fato se comprovou, mesmo após a inativação da horta (2019-2022), posto que o mutirão foi mais uma vez uma das estratégias de intervenção para reativação da Horta Zeferina (Figura 4).

Diante disso, observou-se que outras estratégias poderiam ser complementares aos mutirões, no intuito como as parcerias com instituições para captação de recursos financeiros, mobilização de voluntários e parceiros sociais com experiência em horticultura. As relações comunitárias em prol de um objetivo comum significam estabelecer ligações sociais, tornando mais organizadas e duradouras essas relações.

Uma das particularidades da Biblioteca reside na sua relação de rede com outros movimentos e iniciativas que acontecem em Salvador e em outras cidades da Bahia, em outras palavras, para além de oferecer uma série de atividades de graça à comunidade, ela está envolvida com outras iniciativas e movimentos sociais. Para isso, apresento alguns aspectos da malha social em que a Biblioteca Comunitária Zeferina Beiru está inserida e o seu movimento de confluência (BISPO, 2015; INGOLD, 2015).

Para Ingold (2000), o mundo em que habitamos é composto por coisas e não objetos. O autor busca compreender os processos da dinâmica da vida concebendo o significado da matéria enquanto um fluxo dinâmico com diferentes significados e formas. Estes caminhos ou trajetórias implicam uma prática improvisada que se desenrola em linhas ao longo das quais são as coisas continuamente formando um emaranhado de coisas.

O processo de conhecimento também pode acontecer por meio do movimento, posto que, ao se movimentar, as mudanças vão sendo percebidas. Então, o autor tensiona a divisão entre “ator e rede”, ou “natureza e cultura”, propondo o conceito “ecologia da vida”. Significa dizer que o indivíduo e o ambiente é um organismo indivisível (INGOLD, 2000; AZEVEDO, 2020).

Ingold (2015) pontua que a produção da vida acontece por meio das relações e deslocamentos através da formação de malhas. As relações não são apenas uma rede de pontos conectados, mas uma malha de linhas entrelaçadas, que se constitui sob três diferentes perspectivas: metodológico, analítico e na sua negação. Desta forma, emprega-se a relação de malha social enquanto perspectiva analítica para entender a relação da Biblioteca Zeferina com outros movimentos sociais em Salvador. Entendendo a movimentação da reprodução da vida social, entendo a palavra confluência como uma metáfora sobre o movimento das correntes das águas que se encontram e seguem juntas em uma direção (LIMA, 2021).

Portanto, é possível afirmar que a Biblioteca Zeferina é um lugar de confluência de uma malha social que se constituiu para além de relações burocráticas, tecnicistas ou institucionais, mas a partir de um objetivo de constituir uma rede: Nós por nós. Esse fator “nós por nós”, isto é, o fazer PELA comunidade e PARA a comunidade.

A Biblioteca é um ponto dentro do miolo geográfico de Salvador – BA, que agrega um valor simbólico atrativo a parcerias que são constituídas por meio de atividades como oficinas, encontros e vivências. Suas atividades estão relacionadas a outros movimentos que acontecem na cidade. Assim, entende-se a cidade, pois, como um lugar múltiplo que está interligado.

4. CONCLUSÕES

Os mutirões se apresentaram como uma das estratégias possíveis e positivas para a criação, manutenção e também processo de reativação da Horta Urbana Comunitária Zeferina Beiru. Ao passo que os envolvidos, voluntários organizados nos mutirões desempenharam ações agregadoras na comunidade.

Essa capacidade agregadora na comunidade confere uma importante ferramenta para o desenvolvimento dos territórios, aqui identificado como pertencente a uma Biblioteca Comunitária em bairro periférico da capital baiana. Ademais, a participação das crianças, adolescentes e moradores do bairro demonstra a representatividade social da Horta Comunitária.

Dessa forma, essas mobilizações comunitárias em prol da horta, possibilitaram o início e permanência por alguns anos de plantios de frutas, hortaliças e ervas medicinais, os quais fizeram parte da alimentação de crianças e adolescentes participantes.

A partir dessas reflexões, pontua-se que outras estratégias de intervenção são necessárias para se agregarem aos mutirões destinados às hortas comunitárias, como: recebimento de mudas, voluntários técnicos, cursos de manejo da terra, apoio dos órgãos públicos competentes e práticas agroecológicas.

5. REFERÊNCIAS

ARRUDA, J. **Agricultura urbana na Região Metropolitana do Rio de Janeiro: sustentabilidade e repercussões na reprodução das famílias.** 2011. 197 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade) - Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica – RJ, 2011. Disponível em: <https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFRRJ-1_119b3cfb61f5b3b223291c2fe9a36159>

AZEVEDO, L. F. Desvendando relações: redes, atores e malhas. **Tematicas**, Campinas, SP, v. 28, n. 55, p. 343–365, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/tematicas.v28i55.13428>

BISPO, A. S. **Colonização, Quilombos, Modos e significados.** INCTI, Universidade de Brasília – UnB, 2015. Disponível em: < http://cga.libertar.org/wp-content/uploads/2017/07/BISPO-Antonio.-Colonizacao_Quilombos.pdf>

DEGENHART, B. La agricultura urbana: un fenómeno global. **Nueva Sociedad:** Democracía y política em América Latina 262, Marzo - Abril 2016. Disponível em: <http://nuso.org/articulo/la-agricultura-urbana-un-fenomeno-global/>

CAMPILAN, D.; DRECHSEL, P.; JÖCKER, D. Monitoreo Y evaluación de impacto. **Revista Agricultura Urbana**, La Habana, n. 5, p.27-29, 2002.

CANUTO, J. C. **Sistemas Agroflorestais: experiências e reflexões.** Editor técnico. Brasília, DF: Embrapa, 2017. Disponível em: < https://www.embrapa.br/busca-de-publicacoes/-/publicacao/1074707/sistemas-agroflorestais-experiencias-e-reflexoes>

CHIARADIA, C. **Dicionário de Palavras Brasileiras de Origem Indígena**. Editora: Limiar; 1ª edição. 2008.

ELLIS, F.; SUMBERG, J. Food Production, Urban Areas and Policy Responses. **World Development** vol. 26 n 2, 1998. Disponível em: <http://start.org/download/urbanag/ellis-sumberg.pdf>

EMBRAPA. Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. Sustentabilidade e horticultura no Brasil: da retórica à prática (Texto para Discussão / Departamento de Pesquisa e Desenvolvimento). **Repositório ALICE.** Brasília, 2017. Disponível em: < https://www.alice.cnptia.embrapa.br/alice/bitstream/doc/1074183/1/Sustentabilidadeehorticultura.pdf>

FONTES, A. S.; et al.. Táticas cidadãs para ativação de áreas su- butilizadas: o caso das hortas comunitárias do Rio de Janeiro. **arq.urb**, [S. l.], n. 23, p. 135–156, 2019. Disponível em: <https://revistaarqurb.com.br/arqurb/article/view/45>

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **IBGE Cidades-Salvador.** 2019. Disponível em:<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=292740>

IFPA. Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Pará. **Paneiro do Mangal: Mutirão revitaliza horta escolar na escola Brasiliano Felício da Silva**, 2021. Disponível em: < https://braganca.ifpa.edu.br/ultimas-noticias/417-paneiro-mutirao-escola-tamatateua>

INGOLD, T. **Culture, nature, environment: steps to an ecology of life**. In: Ingold, T. The perception of the Enviroment. Essays on livelihood, dwelling and skill. London: Routledge, 2000, p. 13-26.

INGOLD, T. **Estar Vivo: Ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

KINUPP, V.; LORENZI, H. **Plantas Alimentícias Não Convencionais (Panc) No Brasil**. Editora: Plantarum; 2ª edição. 2021.

LIMA, L. B. Agora é nós por nós! a insurgência da Biblioteca Comunitária Zeferina Beiru. Dissertação (mestrado). Programa de Pós-Graduação em Antropologia. **Repositório Institucional da Universidade Federal da Bahia**, 2021. Disponível em: < https://repositorio.ufba.br/handle/ri/33873>

LIMA, J. P. C.; et al. Estudos de caso e sua aplicação: proposta de um esquema teórico para pesquisas no campo da contabilidade. **Revista de Contabilidade e Organizações**. 2012. Disponível em: <DOI: 10.11606/rco.v6i14.45403>

MACHINI, M. L. F. **Nas fissuras do concreto: Política e movimento nas hortas comunitárias da cidade de São Paulo.** 2018. 216 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: < https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-12092018-135858/publico/2018_MarianaLuizaFioccoMachini_VCorr.pdf>

MOURA, V. P. **Os "Braga da Pontezinha": os mutirões como encontros que reafirmam pertencimentos ao lugar e à família.** 2000. 116 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 116 f. 2020. Disponível em: < https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/10842>

NASCIMENTO, A. **O quilombismo: documentos de uma militância panafricanista**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1980.

RANGEL, M. R. L. F.; RUIZ, L. M.; DA COSTA, A. C.; GOMES, M. M. T. Participação e inclusão no direito à cidade no Brasil. **Humanas Sociais & Aplicadas**, v. 12, n. 36, p. 01-17, 1 jul. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.25242/8876123520222355>

REIS, G. F.; TEIXEIRA, T. C. S.; PAVAN, F.; SOUZA, J. P. M. DE C. Operação chuva em Salvador: ações, custos e interações institucionais. **Humanas Sociais & Aplicadas**, v. 11, n. 34, p. 54-68, 20 dez. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.25242/8876113420212321>

RIBEIRO, S. M.; BÓGUS, C. M.; WATANABE, H. A. W. Agricultura urbana agroecológica na perspectiva da promoção da saúde. **Saúde e Sociedade**, [S.l.], v. 24, n. 2, pág. 730-743, 2015. Disponível em: <DOI: 10.1590/S0104-12902015000200026>

RODY, T.; TELLES, L. **Caderneta agroecológica: o saber e o fazer das mulheres do campo, das florestas e das águas.** Viçosa, MG: Editora Asa Pequena, 2021.

SILVA, R. R. S. **Agricultura urbana: a Declaração de Aptidão ao PRONAF (DAP) e o acesso dos agricultores aos programas de governo no Município de Salvador.** [Dissertação de mestrado]. Programa de Pós-Graduação em Planejamento Territorial. Universidade Estadual de Feira de Santana – 2018. Disponível em: < http://www.planterr.uefs.br/arquivos/File/TCC2018/RONALDO.pdf>

SOUZA, J. S. et al. The experience of community urban gardens: Social organization and food security. **Revista de Nutrição [online]**. 2019, v. 32. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1678-9865201932e180291>

WIKIE. **Subdivisões de Salvador.** Disponível em: <https://wikie.com.br/Subdivis%C3%B5es_de_Salvador>